

Na Greyhound de Oakland eram todos anões, e empurravam-se e acotovelavam-se para entrarem no autocarro, ao ponto de se meterem à frente das duas freiras, que tinham chegado primeiro. As duas freiras sorriram com doçura a Miranda e a Baby Ellen e brincaram ao estou-te-a-ver por trás dos dedos depois de já estarem sentadas. Mas Jamie sentia claramente que elas consideravam a sua maquilhagem demasiado espessa, as suas calças demasiado apertadas. Sabiam que ela estava a separar-se do marido, e já deviam ter imaginado que no futuro ganharia a vida como puta. Jamie gostaria de dizer-lhes como é que as coisas se tinham realmente passado, mas é impossível falar com um católico. A freira mais baixa transportava uma rosa brilhante acabada de cortar enrolada nas duas mãos.

Jamie sentou-se à janela a olhar para fora e a fumar um *Kool*. As pessoas continuavam a apinhar-se ao pé da porta do autocarro, pessoas que ela esperava nunca ter de vir a conhecer — pessoas que se debatiam com bagagens desmembradas e sacos de papel que podiam conter, pela forma como os proprietários os agarravam, as razões para cada ato que agora lamentavam e as justificações para as suas feridas. Um homem negro com um fato de *tweed* e um chapéu de palha erguia um cartaz para os seus irmãos que partiam: “O SOL TORNAR-SE-Á ESCURIDÃO E A LUA SANGUE” (Joel 2:31). Considerando as circunstâncias, Jamie sentiu empatia com aquele estranho.

Os seus olhos abriram-se por volta das três da manhã. Os focos à entrada da rampa cortavam através dos seus raios e entravam por dentro do autocarro, e momentaneamente, do fundo da exaustão, Jamie pensou estar a ver a cabeça brilhante de um homem a desligar como um cometa através da escuridão adormecida dos viajantes, e que só a

tinha a ela como testemunha. Miranda tinha acordado de repente, garrulando ao seu ouvido, excitada por estar acordada depois da hora de dormir.

Jamie repeliu as palavras da criança, com medo da escuridão para que o autocarro se precipitava, confusa por estar a ser engolida tão depressa pela sua vida nova, com medo de ter sido digerida num segundo e cuspidada do outro lado na forma de uma senhora idosa demasiado preguiçosa para imaginar sequer para onde teria ido a sua juventude. Tentou por duas vezes acalmar Miranda, porque a bebé estava a dormir — e, como ela, todas as pessoas no autocarro à exceção do motorista, esperava Jamie —, mas Miranda tinha de empurrar Baby Ellen com os pés de dois em dois segundos porque queria brincar, ali mesmo no meio do Nevada, mesmo no meio da noite. “Randy”, disse Jamie. “Estou estafada, fofa. Agora não acordes a Ellen.”

Miranda sentou-se em cima das mãos e fingiu dormir, mas claro que continuou a procurar Baby Ellen com os pés.

“Tira daí os pés, fofa”, disse-lhe Jamie. “Não estou a brincar. Tira daí os pés, agora.”

Miranda imitou o sono profundo e a surdez, com os pés a saltitarem num sonho para poderem continuar a empurrar a bebé.

“Tira — a porra — *das patas*”, sussurrou Jamie num silvo, e agarrou-a pelos tornozelos e fê-la endireitar-se. “Porta-te bem. Ou então eu digo ao motorista, e ele agarra em ti e despeja-te aqui mesmo no meio do deserto. No escuro, com tudo cheio de cobras. Ouviste ou quê?” Voltou a dar um empurrão ao pé de Miranda. “Caraças, não faças de conta que estás a dormir quando eu vejo muito bem que estás acordada!”

Olhou com ódio para os olhos fechados de Miranda e apercebeu-se depressa de que a criança tinha adormecido mesmo. A leveza do medo superou o peso da raiva à medida que o autocarro se afundava no túnel composto pelas luzes. Pôs as mãos sobre a cara e soluçou suavemente.

Não demorou muito tempo a adormecer, e sonhou com um homem que se afogava numa nuvem de veneno. Acordou e interrogou-se sobre se isto seria um sonho relacionado com o seu marido ou o quê? — ou um sonho sobre o passado, ou um sonho sobre o futuro?

Não havia maneira de Baby Ellen parar de chorar.

Jamie agarrava-a com um braço, enquanto, com a outra mão, rebuscava o espaço por baixo do assento à procura da mala de viagem, e, dentro da mala de viagem, procurava o sumo de laranja da bebé. “Vá, vá, vá, vamos lá”, disse ela a Baby Ellen. “Vais ver que vamos ter um berço para ti não tarda nada, e um fio para atar nele a tua caixa de música, e a Mamã e a Miranda hão de vir cantar-te à hora de dormir, e aqui está o teu sumo de laranja, graças a Deus, vá, vá, vá, vamos lá, minha linda Baby Ellen, ah, vês, é um *bom* sumo de laranja, um sumo de laranja *a sério*, olha, vês o Sol, que lindo que está? Vês o Sol que ilumina a Baby Ellen? É só uma parte do Sol muito pequenina, mas em breve a minha Baby Ellen vai ver o Sol todo e então será de manhã para a Baby Ellen e para a Mamã e para a Miranda Sue.” Se pudesse, faria desaparecer a bebé. Ninguém daria por isso. Já tinham saído de Oakland há quatro dias.

Deu a Baby Ellen todo o seu sumo de laranja e ficou a ver o Sol crescer até à proeminência máxima sobre os campos de milho mortos do Indiana, com a luz a incidir-lhe dolorosamente no rosto à medida que subia das lagoas geladas e das fileiras de caules quebrados cobertos de gelo cintilante. O seu marido vendia componentes estereofónicos, com toda a raiva deste mundo, para ganhar a vida. Meditava sombriamente sobre a sua vida, e deixou as sombras crescerem dentro dele até tocarem campainhas como as cascavéis. Estava sempre a querer saber porque é que ela não se sentia grata, já que *ele* perdia cada vez mais o rasto ao que *ele* queria para que *ela* pudesse ter o que *ela* queria. Não notava ela como tudo estava sempre a acontecer? Mas é que — desfechou um murro contra a parede com tanta força que todo o atrelado estremeceu — *uma coisa leva à outra...* Estrangulou-a duas vezes quase até à morte, com o frenesim de suspeitar que ela não entendia os seus esforços e lamentos. E ela não entendia mesmo. O homem passava quase todo o tempo que estava em casa a dormir. À noite chorava, e confessava como tudo lhe metia medo. De cada vez que ela olhava para ele encontrava-o com a cara enfiada nos braços, a esconder-se das imagens que vinham do seu próprio cérebro. Finalmente, estragou tudo. Ela estava mesmo a ver que aquilo ia acontecer. Tinha visto aquilo chegar como o vagão vermelho no fim de um comboio de mercadorias.

Na terra de ninguém entre Oakland e o resto de tudo o que ia acontecer a seguir, Jamie não conseguia deixar de pensar que era intolerável deixar o autocarro continuar a seguir o seu caminho. Pensava em

sair na próxima paragem para refeições e mudar o bilhete para o próximo autocarro para casa, e boas carreiras para todos vós, companheiros do planeta Greyhound. Tinha a certeza de que ele morreria de felicidade ao voltar a vê-la. Que poderia ela dizer? Esqueci-me da escova dos dentes, disse ela para si própria. Sorriu. Esqueci-me da mala. Deixei ficar o almoço na cozinha. O homem dos bilhetes bem havia de rir-se se ela agora voltasse para trás a meio da jornada. Gostaste tanto da viagem que queres começar outra vez. Não, é só que ainda não consegui ver o lado esquerdo do caminho, e se calhar perdi alguma coisa especial. Na paragem, Jamie pagou a uma mulher para tomar conta de Miranda e Baby Ellen enquanto ela ia com uma esponja de banho para o WC das senhoras. Miranda saltou para cima de uma caixa de sopa de tomate para jogar *flippers* e tirou fotos a si própria com a irmãzinha ao colo num compartimento com uma cortina. Jamie e Miranda comeram *cornflakes*, e Miranda comeu um daqueles doces de alperce-pêssego. Estavam a ficar sem dinheiro. A autoestrada atacou mais curvas e colinas à medida que se aproximava de Cleveland.

Três bancos mais atrás, e do outro lado do corredor, as duas freiras estavam sentadas a murmurar consigo mesmas, sonolentas depois do pequeno-almoço. Jamie observou-as secretamente e percebeu que estavam a rezar, com a rosa fresca acabada de cortar em Oakland da freira mais baixa agora substituída por um rosário escuro. Jamie imaginou se obrigariam as freiras a rezar todos os dias depois do pequeno-almoço. Será que diziam para si próprias, vamos a isto, vou rezar, e então configuravam na mente uma imagem qualquer de Deus com a sua barba branca, acenando pensativamente para o latim delas? Se rezar era o seu emprego, será que alguma vez tiravam férias? Deitou uma olhadela a Miranda, que estava a fazer riscos largos, todos iguais, com os lápis de cera, por cima da cara de uma mulher na capa da *People*, e imaginou se a sua própria filhota alguma vez viria a ser freira, com um véu preto e branco por cima dos seus cabelos compridos. Bom, mas Miranda não era católica. Não tinham sido assim nada de específico quando estavam em Oakland, embora tivessem sido batistas não praticantes antes de saírem de West Virginia. Ninguém podia ser muito arrebatado sobre a sua própria religião na Califórnia, porque a Califórnia estava cheia de ateus, e de *birchers*, e de Hare Krishnas, e as únicas pessoas que levavam a religião a sério eram os maluqui-

nhos deste género, que passavam o tempo a atirar-se da Golden Gate quando eram possuídos pelo poder do Senhor. O batismo parecia ser apenas uma forma como outra qualquer de se ficar todo molhado.

Na Califórnia viviam umas mulheres velhas, com uns olhos que não eram normais, convencidas de que o mundo chegaria ao fim a qualquer momento, ou de que em breve aterraria gente do espaço para tratar do Juízo Final. Havia escolha entre venusianos, ou marcianos, ou Jesus Cristo, ou gente com doze braços e pele azul chegada da Índia. Sodoma e Gomorra tinham sido destruídas por uma bomba atômica atirada de uma nave espacial.

Jamie ouviu um ressonar suave vindo da freira mais baixa, que ainda deveria estar a rezar. De qualquer maneira, Deus já tinha ouvido aquilo tudo antes, e não se deu ao trabalho de a acordar. A rosa brilhante tinha voltado a aparecer, sabe-se lá de onde, e ela segurava-a com as duas mãos enquanto dormia.

Jamie tinha a certeza absoluta de que o homem do assento de trás já a tinha topado como uma qualquer espécie de apreciadora de emoções fortes. Mas era um homem decente com um sorriso simpático e uma tatuagem de um cavalo-marinho no braço que deixava Miranda fascinada. “Foi o Rei Neptuno que mo deu”, disse-lhe ele, e piscou o olho a Jamie, e voltou a descer a manga do casaco, e foi tudo o que disse sobre a tatuagem.

À medida que a manhã foi passando, Miranda foi-o atraindo para as suas atividades, e quando chegou a tarde já eram grandes companheiros. Apesar de todos os empurrões e cotoveladas e faltas de respeito às freiras no início desta viagem, o lugar ao seu lado estava livre, assim como estavam vários outros. Jamie aceitou o convite para se juntar a ele. “Há bocado pensei que ias saltar deste autocarro sem mais nem menos”, disse ele. “Parece-me que as tuas miúdas já estavam a derreter-te a cabeça mais que a conta.” Agora tinha posto os óculos — óculos escuros encaixilhados a prata — e por isso tinha dois espelhos em vez de olhos. Jamie via a sua própria cara na cara dele.

E o pior era aquele bigode fininho que lhe dava a volta ao estômago. De vez em quando agarrava-se-lhe um traço fino de espuma, e depois ele lambia-a. “Nunca, mas nunca, nunca apanho aviões”, disse ele. “Fico enjoado como um cão, mesmo num jato de costa a costa. Ia à boleia, mas comecei a ficar cheio de frio.” Abanou a lata de cerveja